

bénédicte vê o mar

laura erber

editora da casa

ZAZIE
EDICÕES

Coordenação editorial

Carlos Henrique Schroeder

Manoel Ricardo de Lima

Autoração do arquivo digital

Vitagraph

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica

Design Editora

Revisão

Marcos Leptretinf

Ilustrações

Laura Erber

Comitê editorial

Carlos Augusto Lima (For, CE)

Davi Pessoa (Fpolis, SC)

Edson Sousa (Porto Alegre, RS)

Eduardo Jorge (BH, MG)

Eduardo Sterzi (Sp, SP)

Fabiana Macchi (Berna, SU)

Franklin Alves Dassie (Niterói, RJ)

Galiciani Neves (For, Ce)

Gonçalo M. Tavares (Lisboa, PT)

Júlia Studart (Fpolis, SC)

Leonardo Gandolfi (Rj, RJ)

Maria Lúcia de Barros (Fpolis, SC)

Maurício Santana Dias (Sp, SP)

Tarso de Melo (Sbc, SP)

ISBN 978-85-8081-002-8

Erber, Laura

bénédicté vê o mar

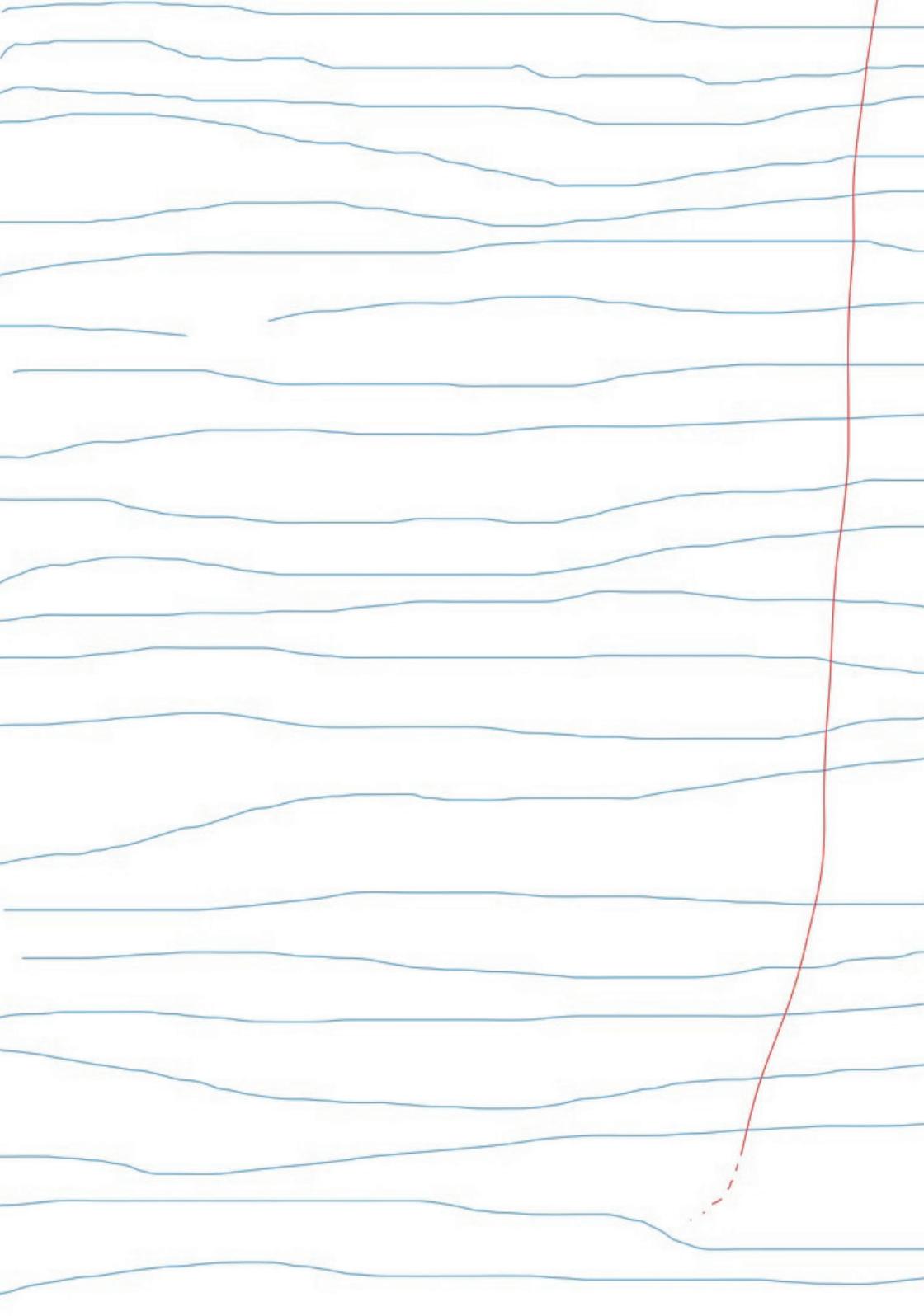
Jaraguá do Sul, Santa Catarina: Editora da Casa, 2011.

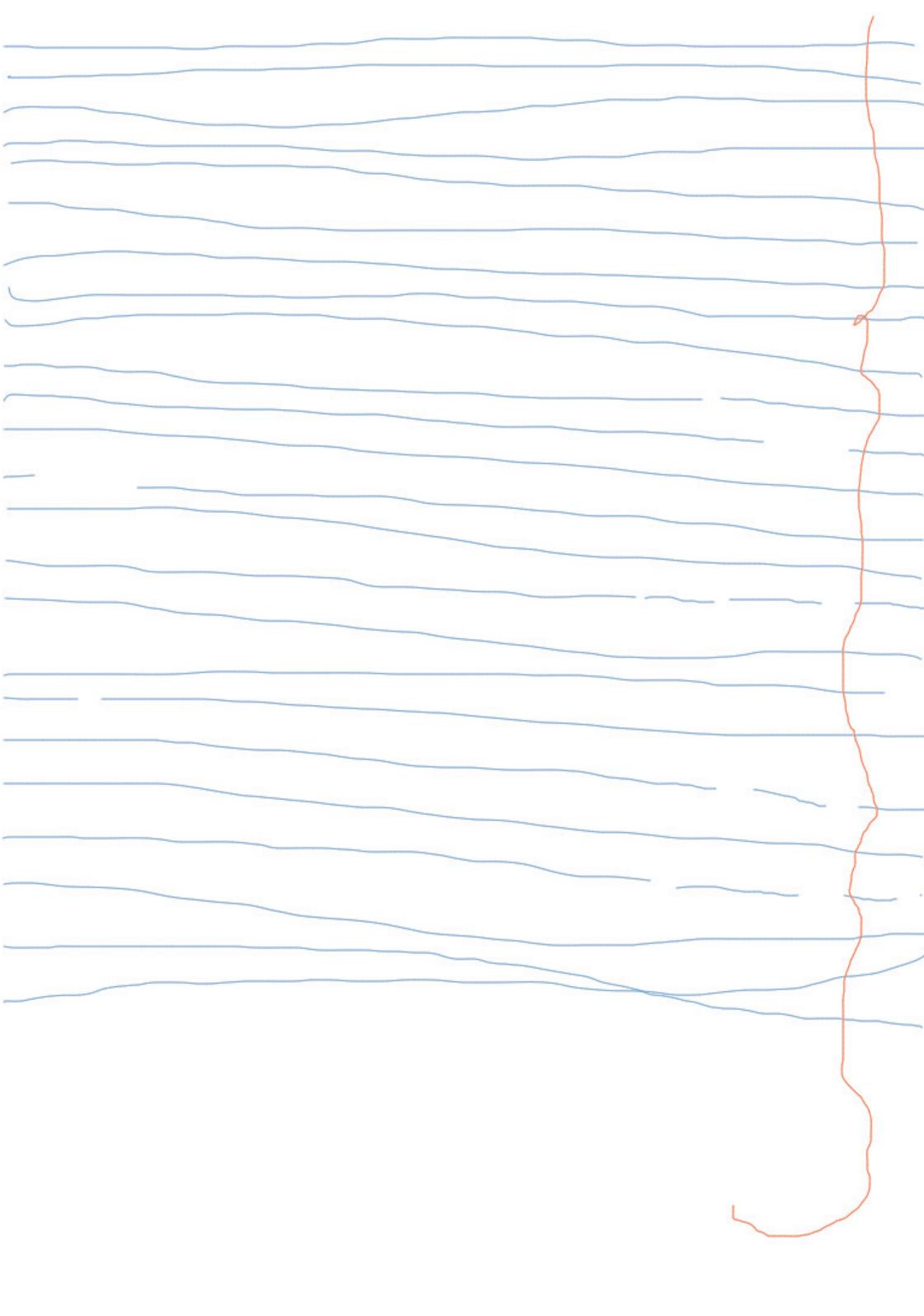
ISBN 978-85-8081-002-8

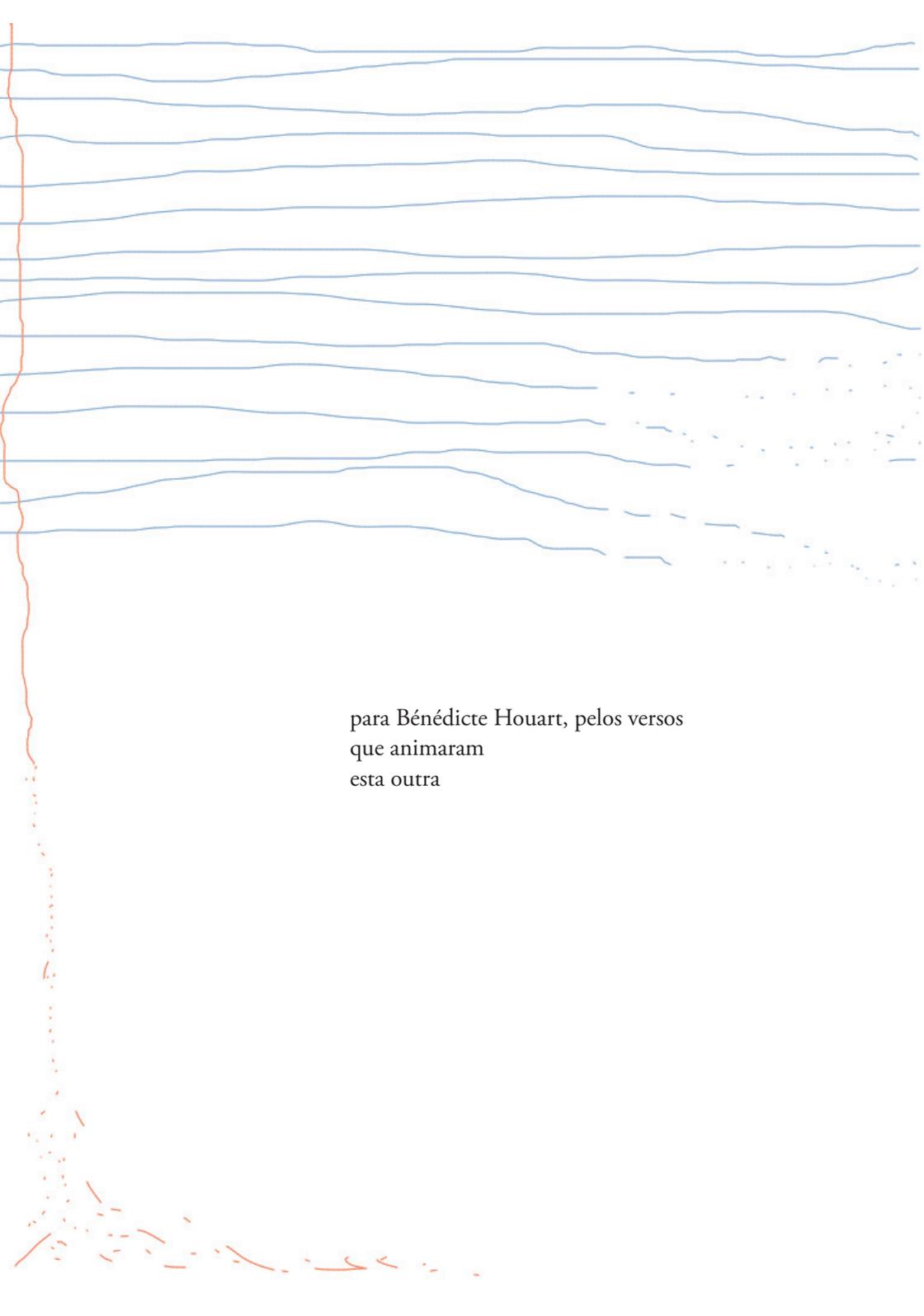
I. Poesia brasileira I. Título

09-03718

CDD-869.91

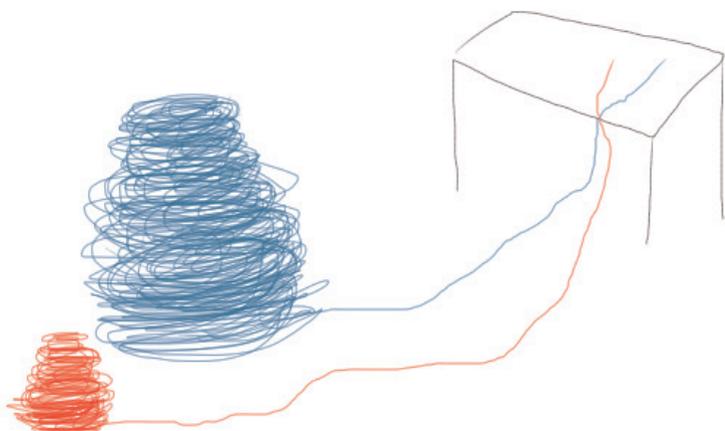
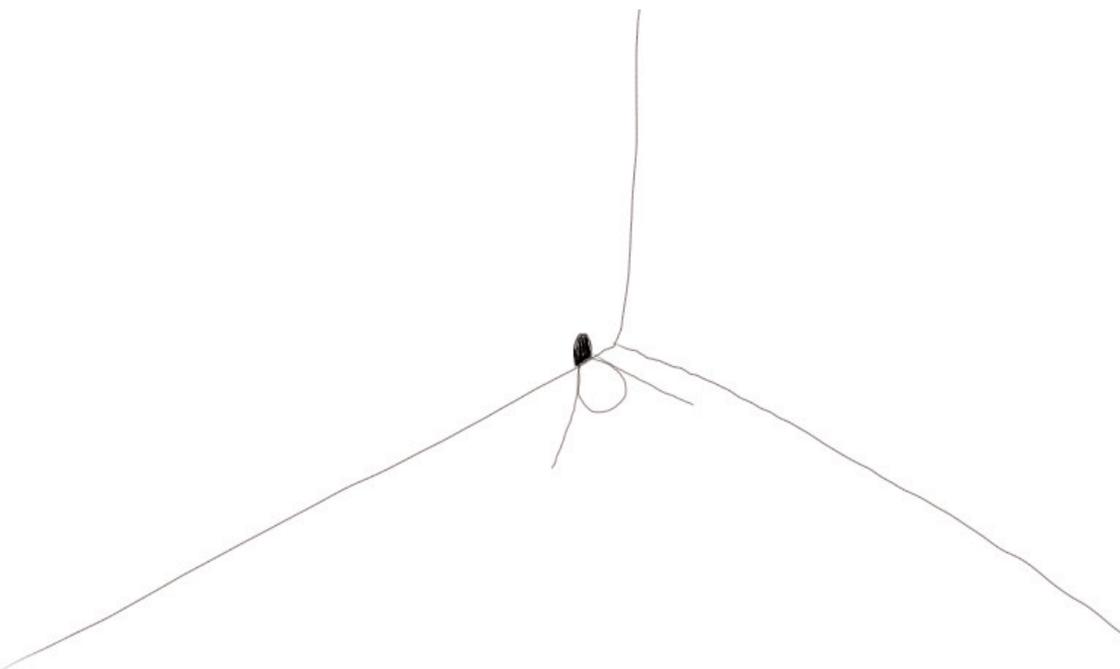


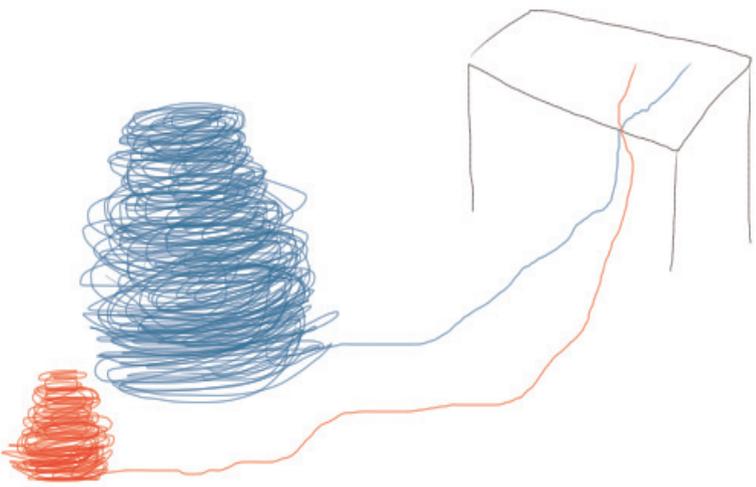
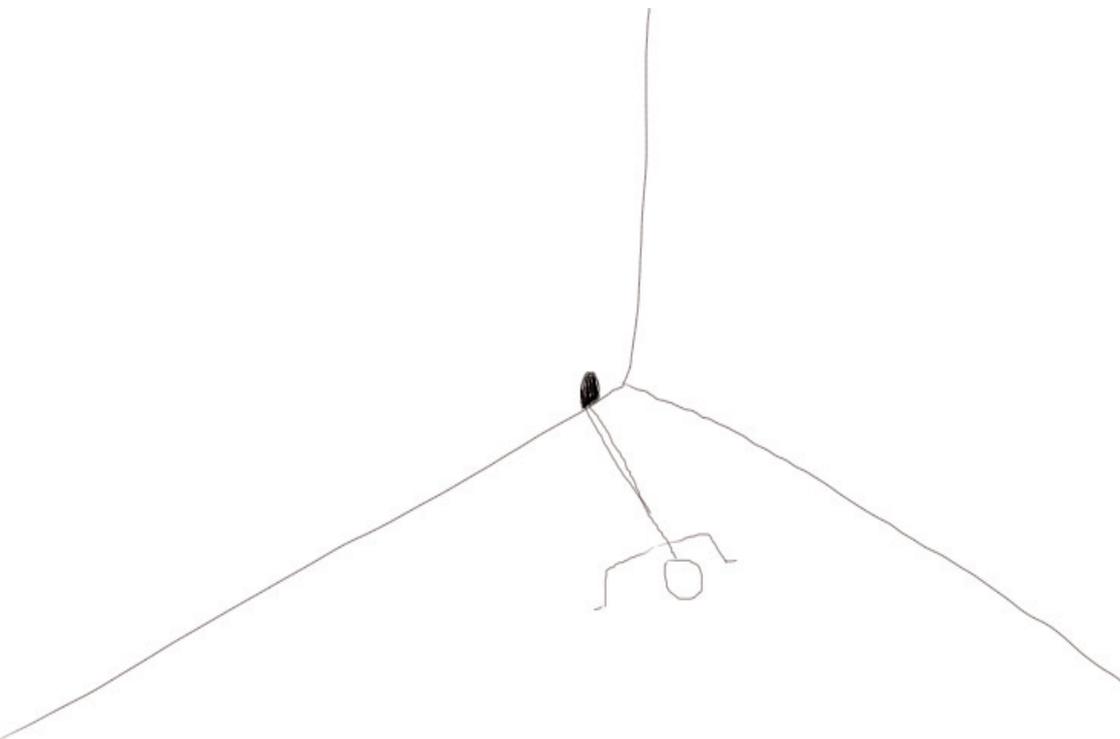


The image features a white background with abstract, hand-drawn elements. On the left side, there is a vertical orange line that transitions into a dotted orange line at the bottom. The top half of the page is filled with horizontal blue wavy lines. On the right side, there is a dotted blue pattern that tapers off towards the bottom right. In the center, there is a block of text in a serif font.

para Bénédicte Houart, pelos versos
que animaram
esta outra

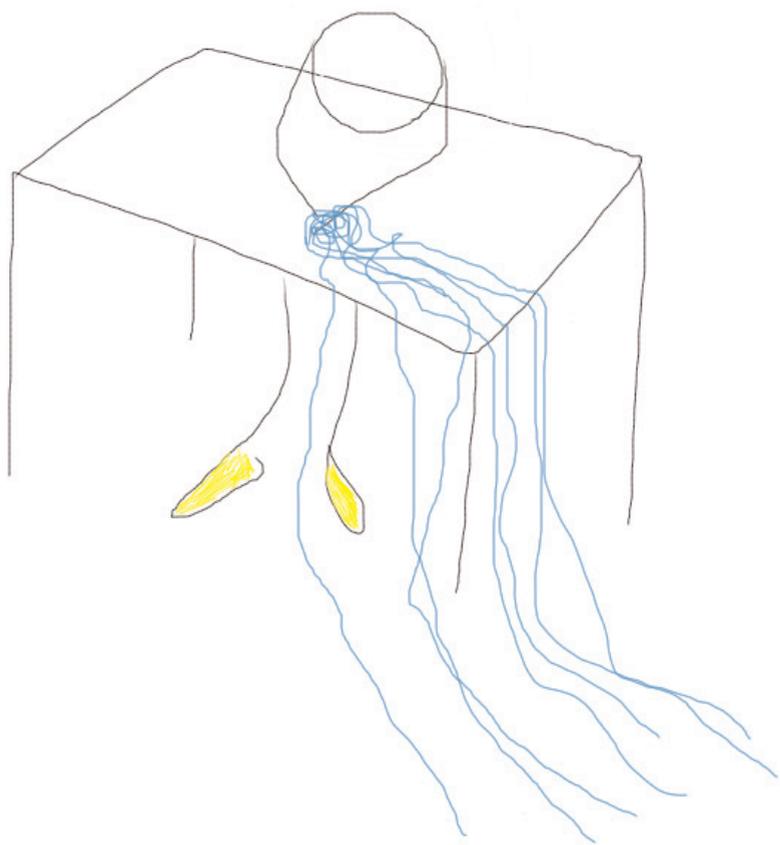
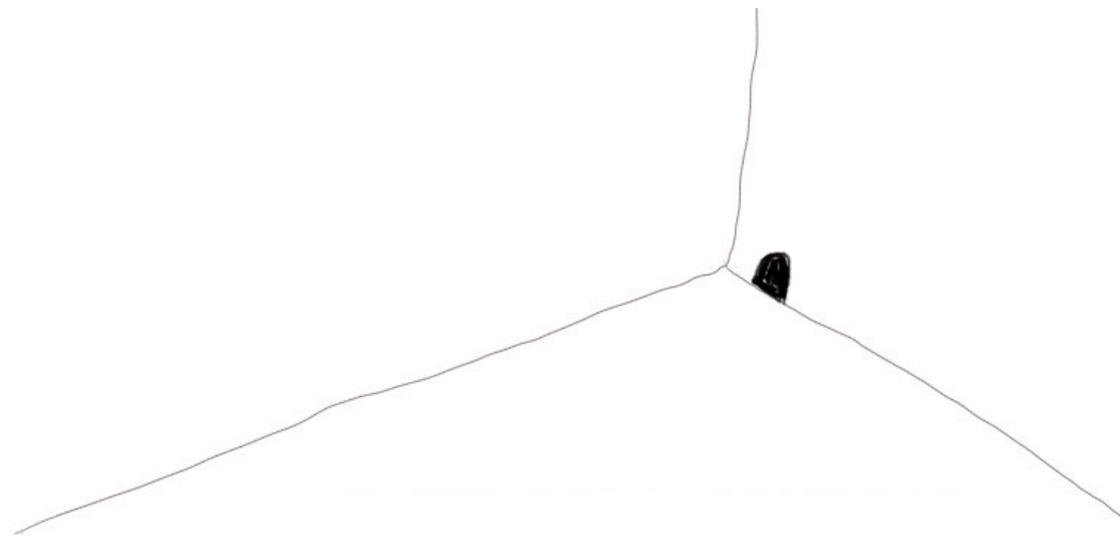
quando Bénédicte
trancou-se
no porão
da marmoraria
ninguém soube
o que dizer
oh!





no porão os pensamentos de Bénédicte
gangrenam
não terminam
nos
dedos
lentos
são os dedos
os pés
são
da cor
amarela

o crânio é transparente
se abirmos a barriga
encontraremos
farelo de
benzodiazepina e
nos olhos
ninguém sabe
(navegáveis de tão
cegos
— não biografáveis —
mas biodegradáveis)

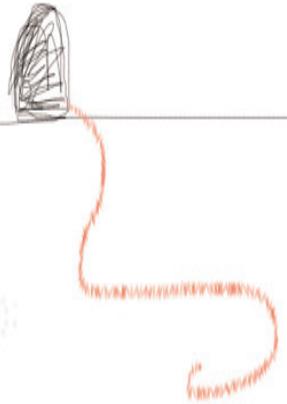


no porão da marmoraria mora um rato

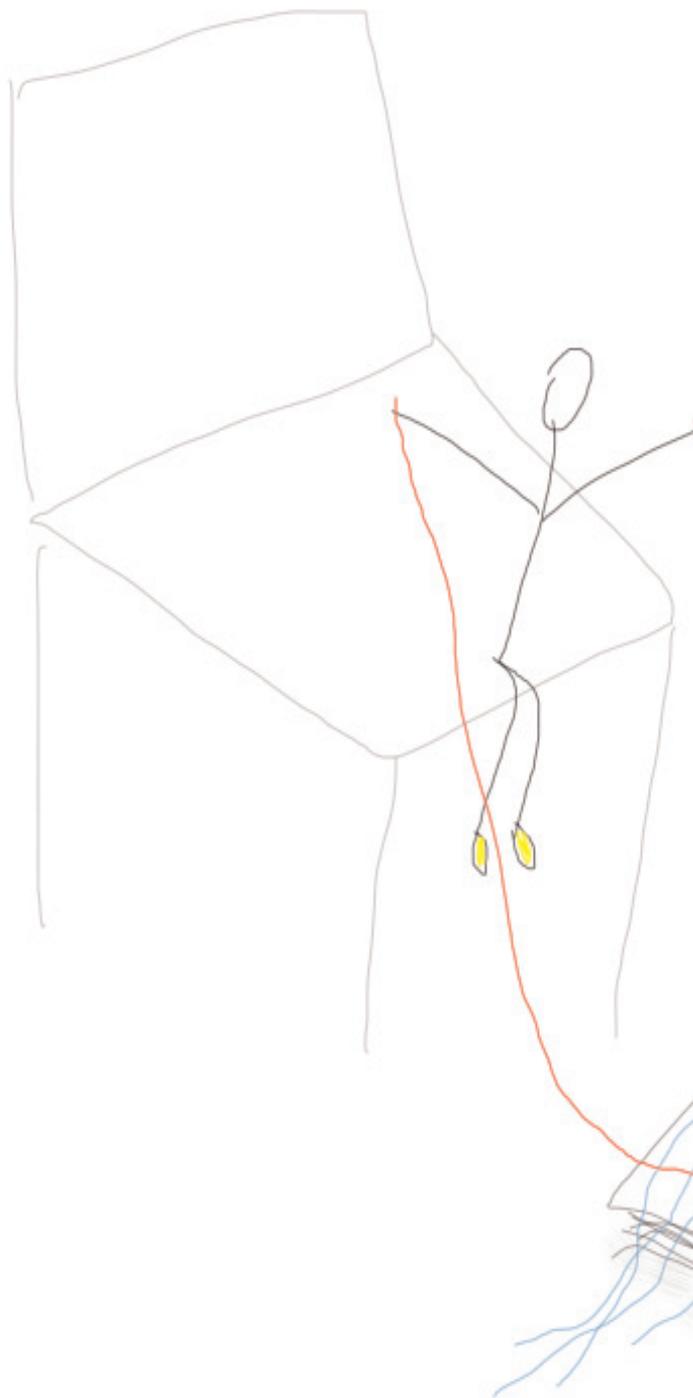


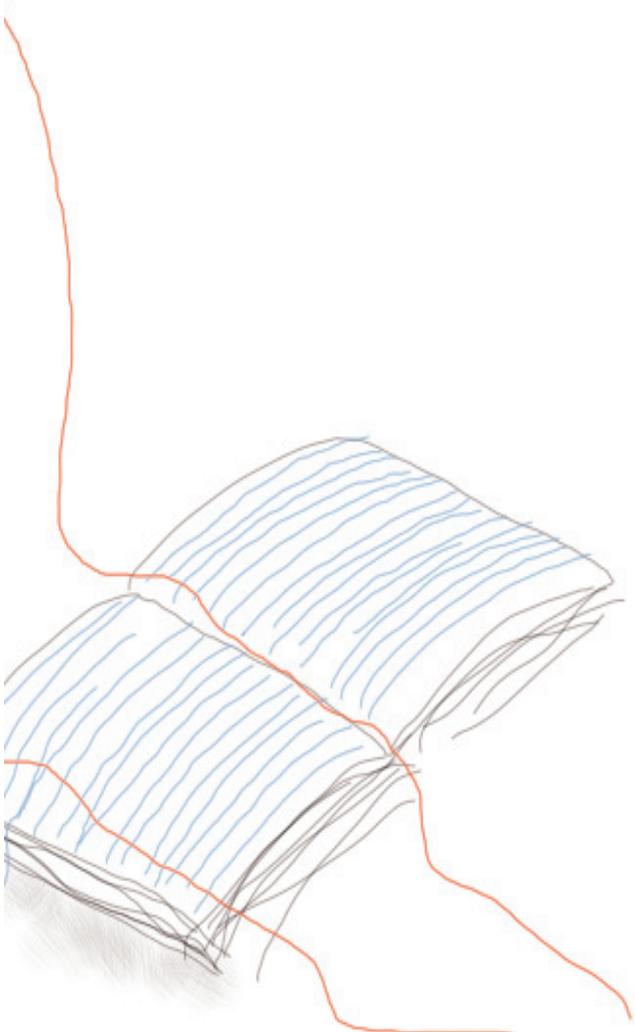
da rua chega
água encanada gás
eletricidade
a voz
da estranha vendedora
de churros
a carrocinha marca o tempo
um dia
um conversível prateado
atravessou de viés
interrompeu o canto
rodopiou
levou as pernas
e as novas havaianas
da inominada figurante

Bénédicte escutou tudo
enquanto crianças se furavam
com lapiseiras
0.5
no porão
ao lado

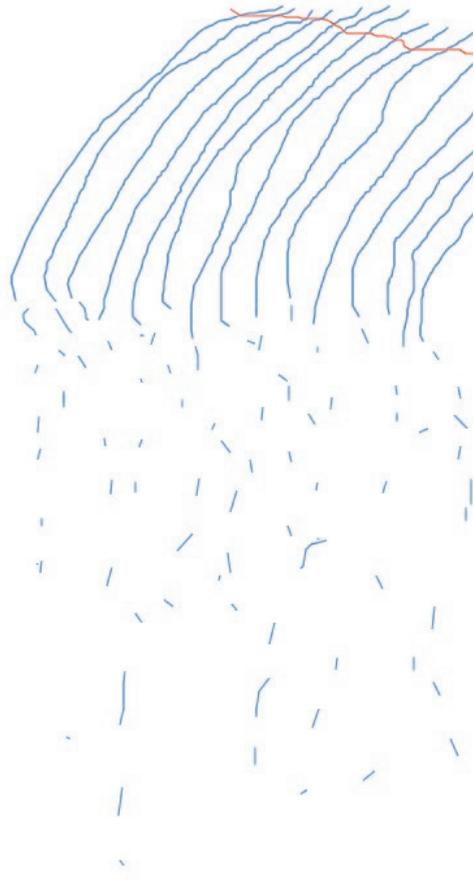


aqui Bénédicte se prepara
para começar





mas não
ainda não



em um mundo cada vez menos explicável
imaginar-se velha pode ser

drôle

mas B. preferirá

meninas cegas

com baionetas

leitoras sonsas

com

hematomas

perfeitas

para namorar (todas as

mentiras

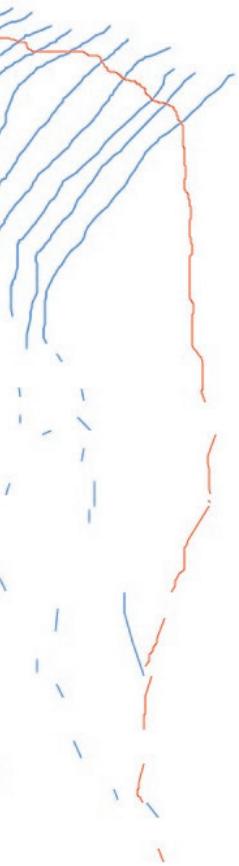
que elas

contam)

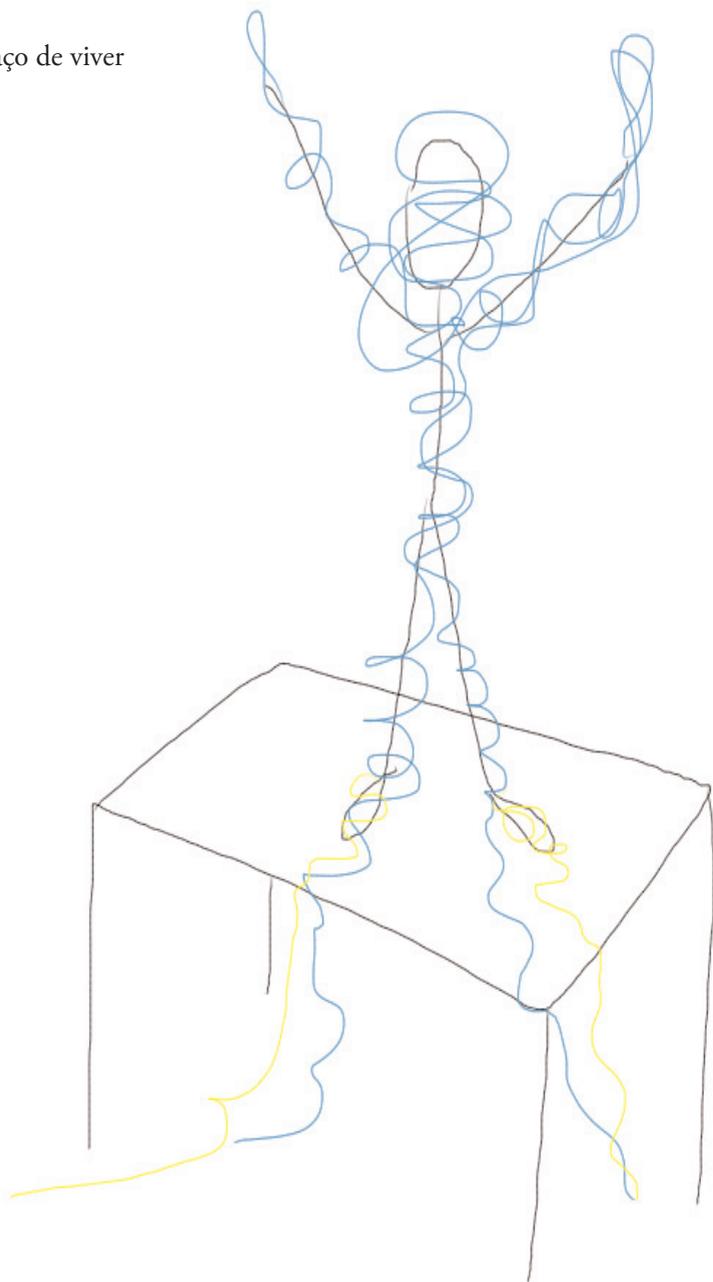
os últimos homens

de August

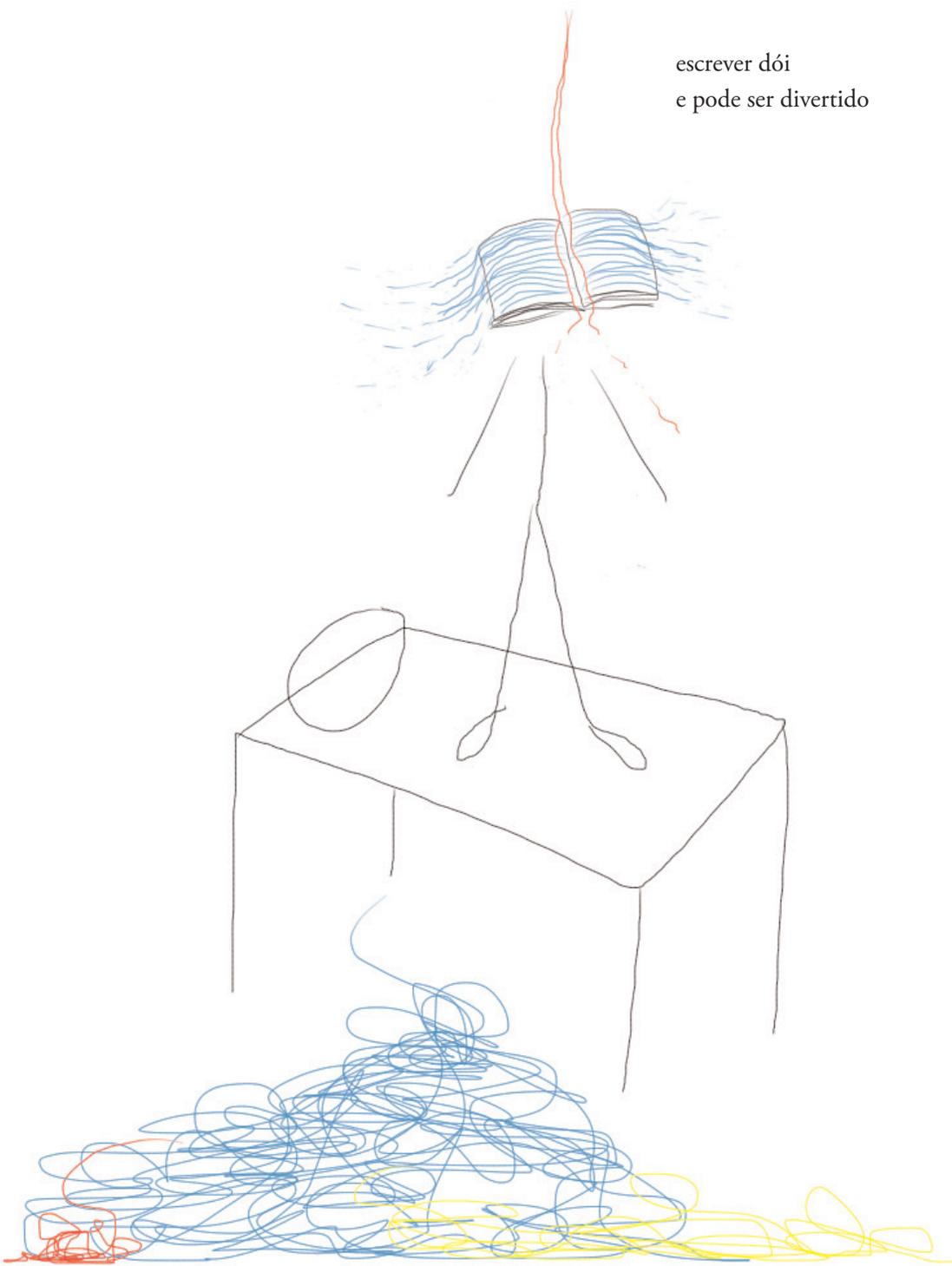
Sander



com o passar dos dias
o silêncio
o calor
o embaraço de viver



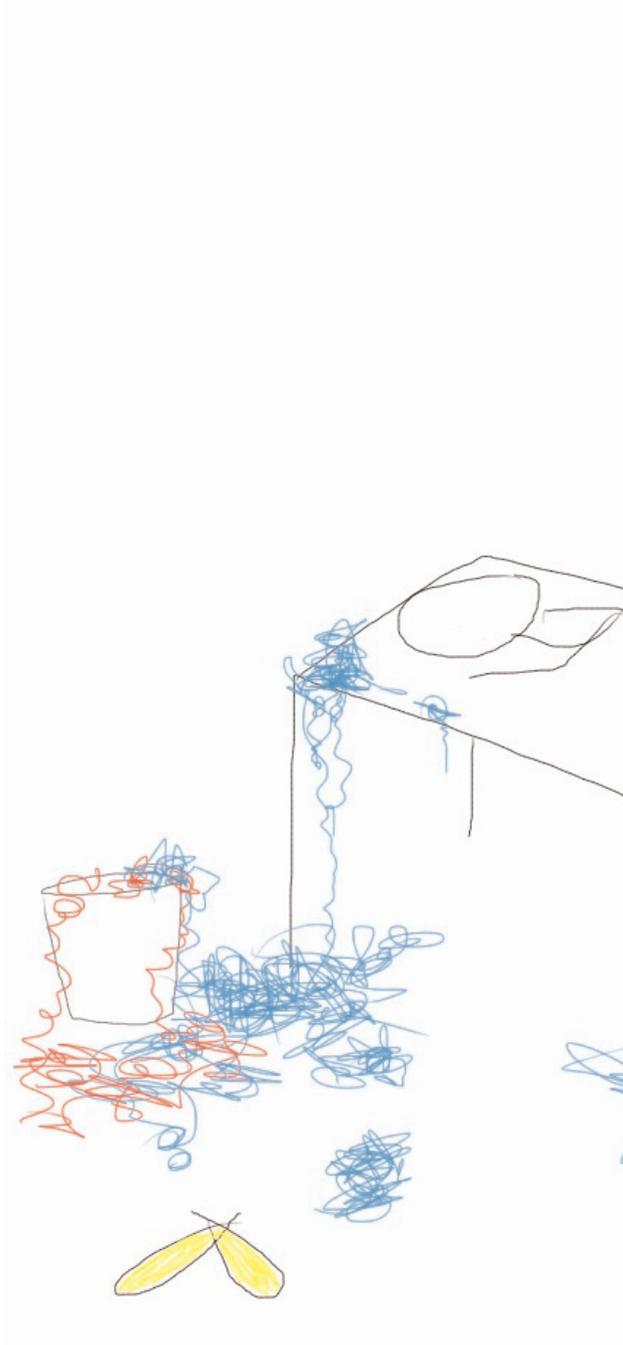
escrever dói
e pode ser divertido







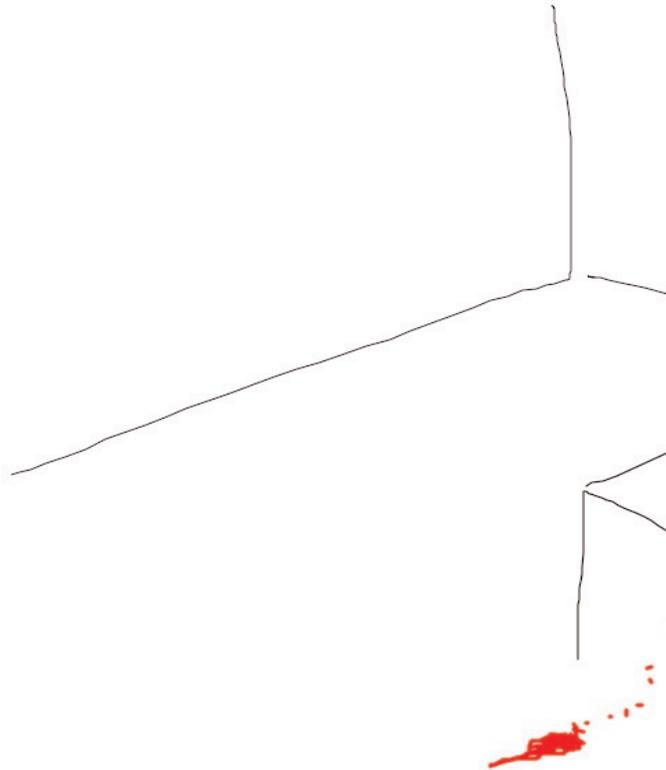
“o fim de uma peça
não é o fim
de um longo
dia” depois
das 16:30 B.
(uma implosão
repentina
no lugar que seria o
do coração) amassa os
papéis de um torto
drama
acabou chorare
ficou tudo lindo
princípios estéticos tombam
como
lágrimas de um azul
inceleste
no leite gelado
ninguém
nasce dizendo
“isso
tem a ver com
natureza
humana”
ou "inspiração
se apresenta pra mim
sob a forma de ansiedade"



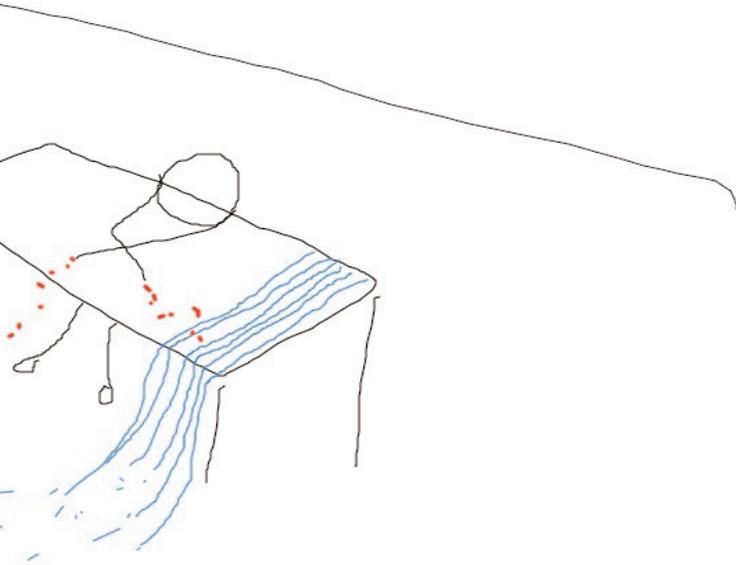
no porão da marmoraria
Bénédicte recebe
direitos de autor
mas não tem
direito de
deitar
no colchão
de amar
no chão
de dormir
coberta



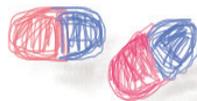
a musa de Bénédicte
não é A Grande Inquisidora De Uma Geração
não é um cão
nem um coelho
mas também não é hierofania
nem professora no Instituto Benjamenta
(bem que gostaria)
nem de Jacques Roubaud (bem que gostaria)
nem de Aglaja Veteranyi (bem que poderia)
nem de Draguta Momolescu (tk's tks tks)
como as musas em geral
esta em particular
é perita em exegese
com tendência
ao brutalismo
e superfaturação
o que dá no mesmo
o que dá na síndrome
de Estocolmo
o que dá na
síndrome de Não Ver o Mar
pena que não dê
num poema do Elefante
de Chico
Alvim
no suspiro
de Ghérasim
ou dos jogadores de sinuca
do Largo do
Machado

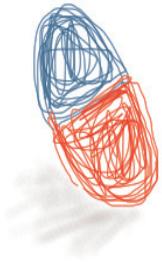


a musa de Bénédicte
não é *amusante* nem *molto*
amabile mas teria sido
lindamente retratada
por Linka
Lebedeva
na época de uma grande depressão



nem tudo está perdido

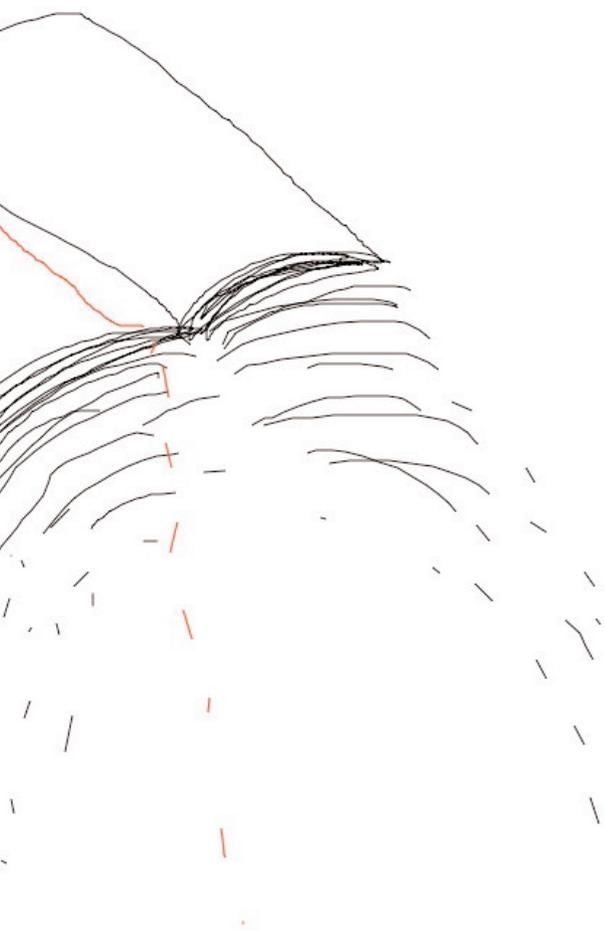




Ela não pensa em tomar vitaminas

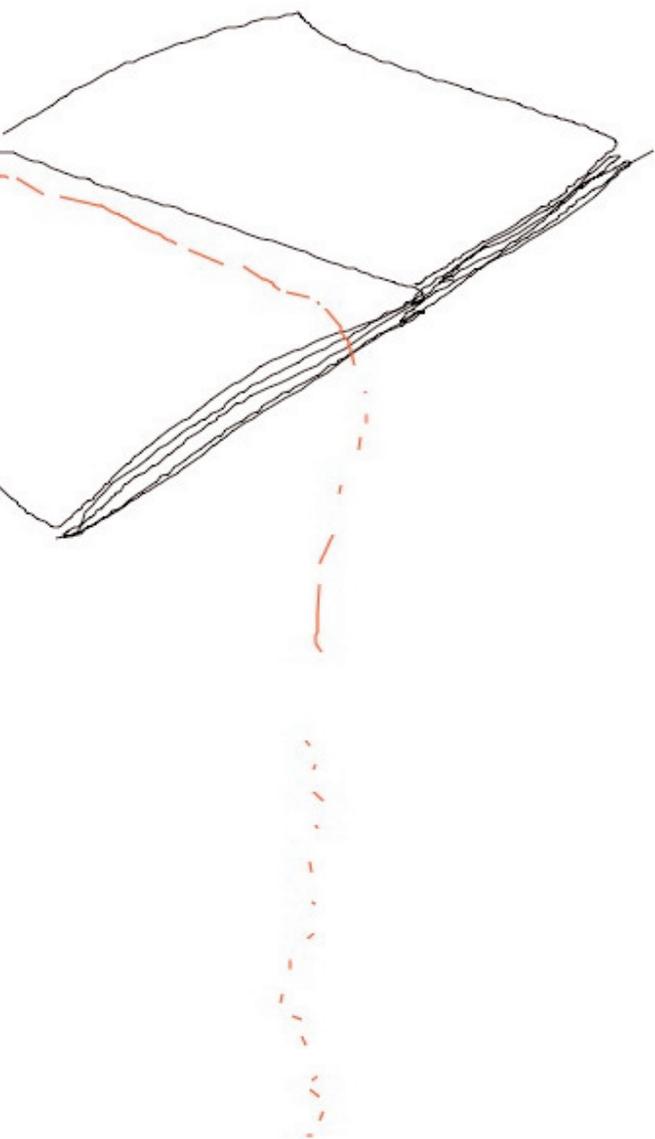
ela gostaria de escrever assim



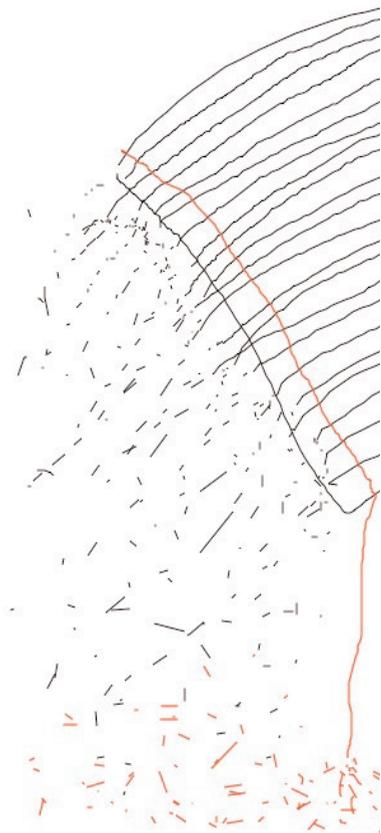


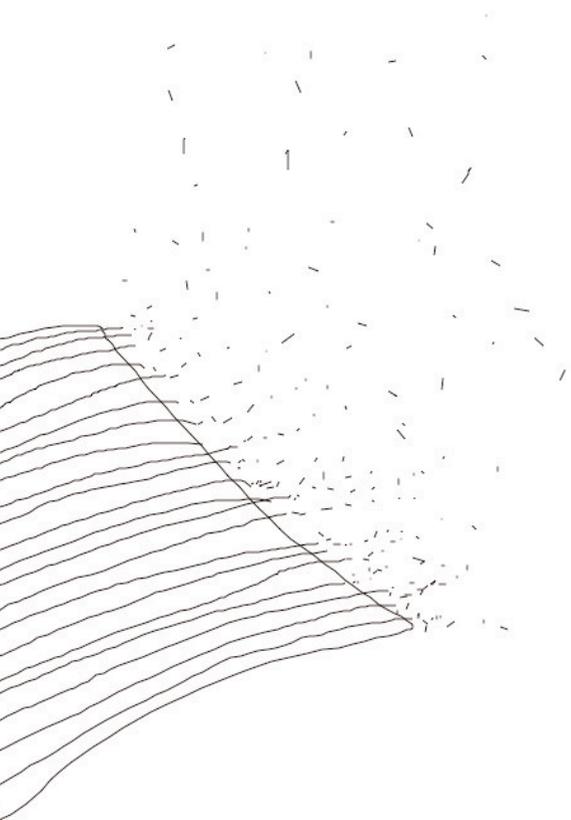
e assim



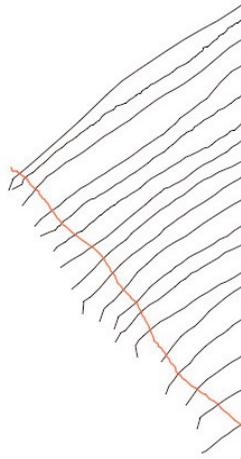


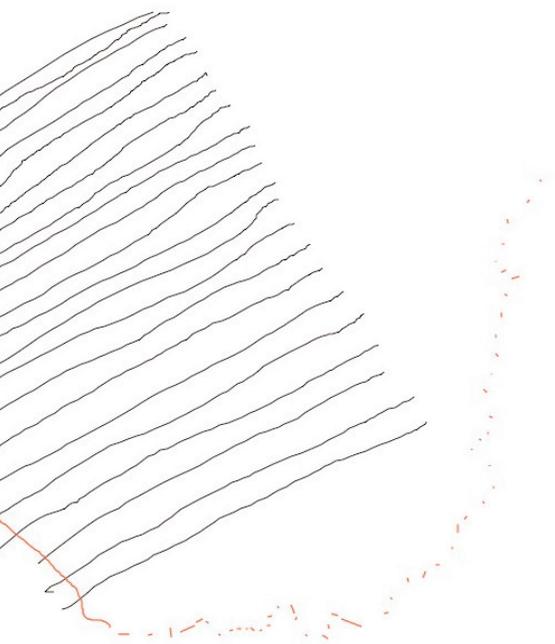
e assim

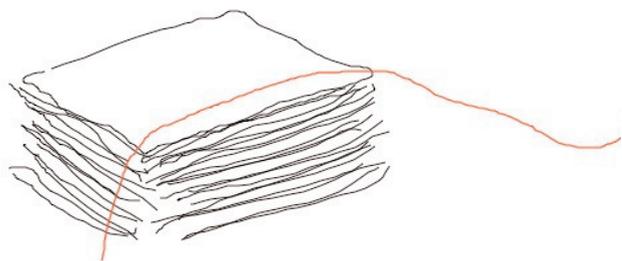


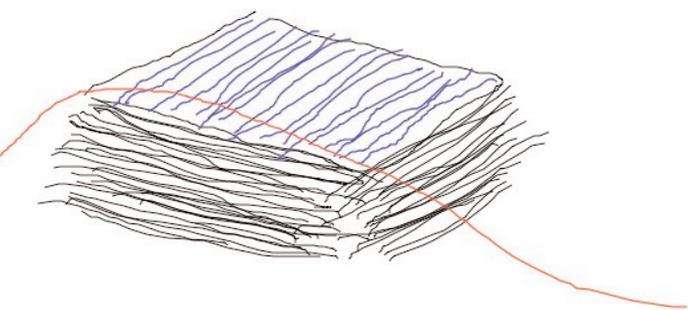


e assim

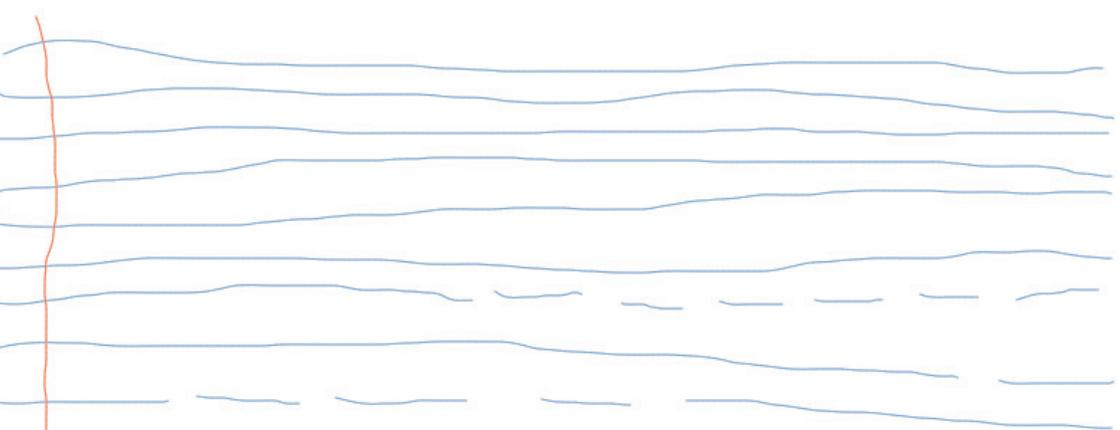






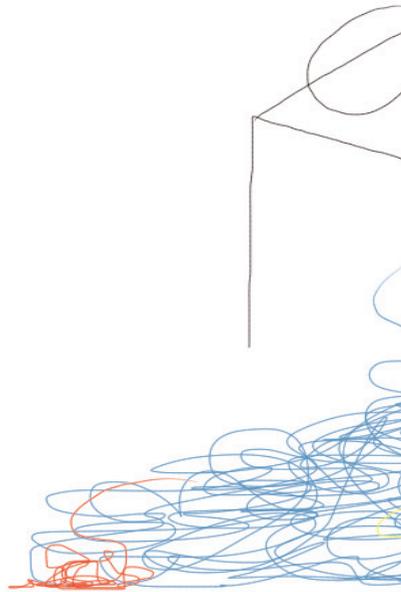


o prolongamento desse mesmo corpo
para sempre
ao som de Zarah
Leander
(impossível saber onde)

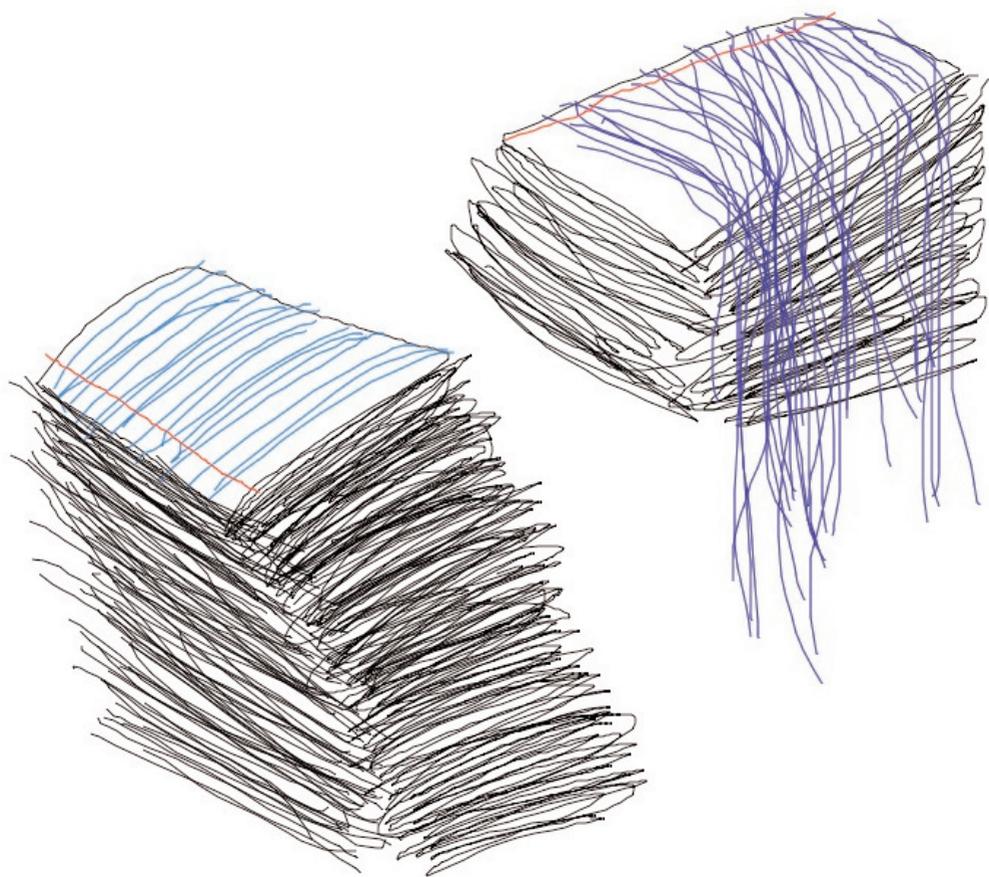


talvez escreva
sobre um cineasta
egípcio
com problemas
de ereção

o prolongamento desse mesmo corpo
bebendo mojitos sujos ao som de Zarah Leander
(impossível saber onde)





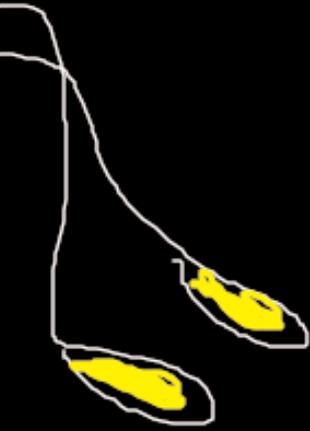


“não sou fonte de mel com própolis”

de repente a luz acaba

e o rato aparece

olá, meu lindo



olá, garota disjuntiva



O RATO: “preferia quando você escrevia sobre homens e cogumelos
e no último parágrafo
uma menina cega
e sobre sua cabeça
a lua
que começava
a aparecer
e a menina percebia
que
uma época
havia
chegado
ao fim”

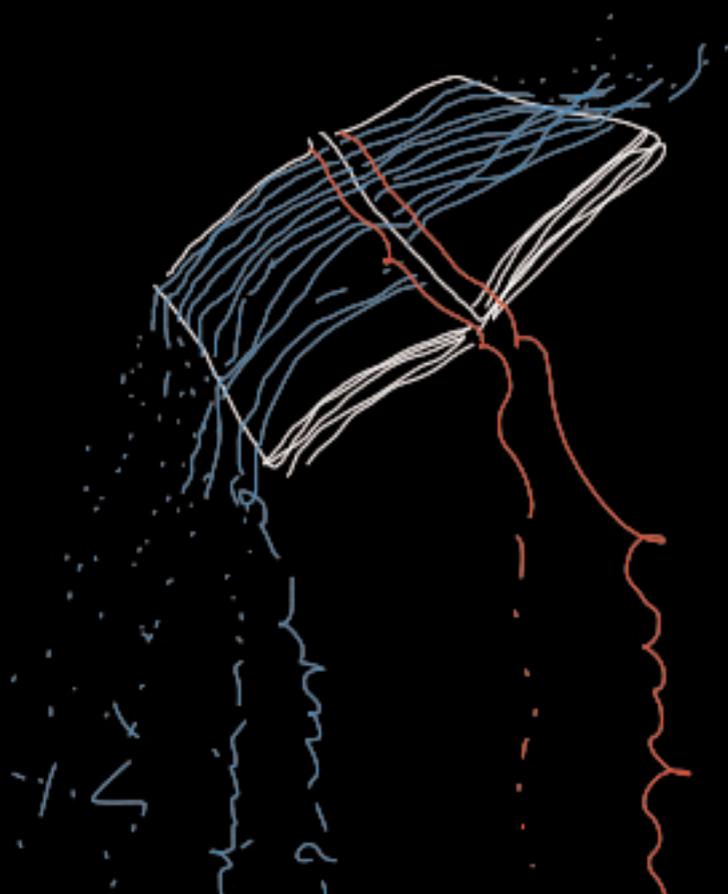
BÉNÉDICTE: “Eu preferia escrever sobre um rato entalado com um ossinho de frango”

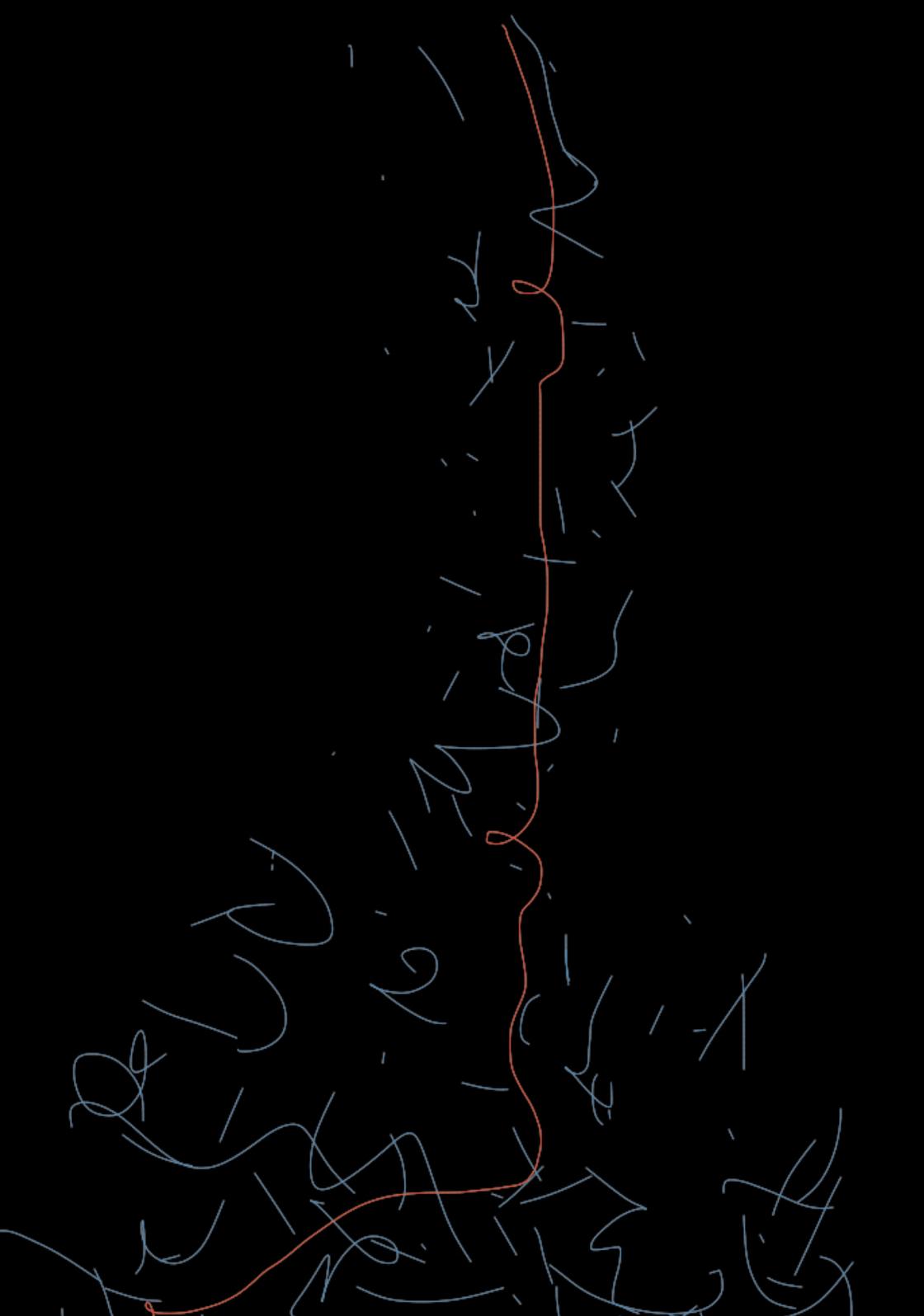
“cuidado com o intelecto,
essa avalanche pode te arrastar”, diz o rato
“vá ao dentista”, pensa Bénédicte
“cuidado com o silêncio”, diz o rato
"enfiarei sua cabeça na privada
várias vezes seguidas", pensa Bénédicte



enquanto o rato rói
Bénédicte adormece
e sonha
com luz
hiperbórea
na pista
de dança
(já nascemos com fios de orlon e
couro vegetal
já nascemos sem poder narrar
tim-tim
por tim-
tim)

o rato some
sem dizer adeus

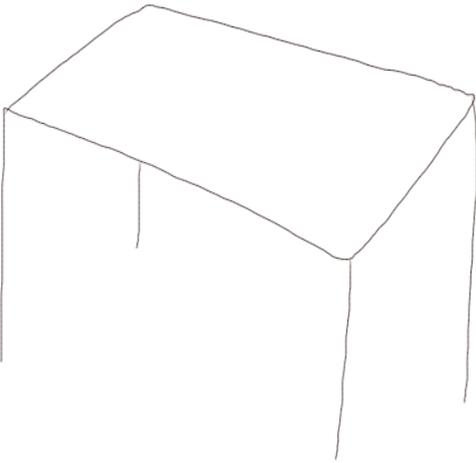




o rato
era profundamente
moderno
abismado
entre o
controle
e a desapareição inquietante
de cada coisa

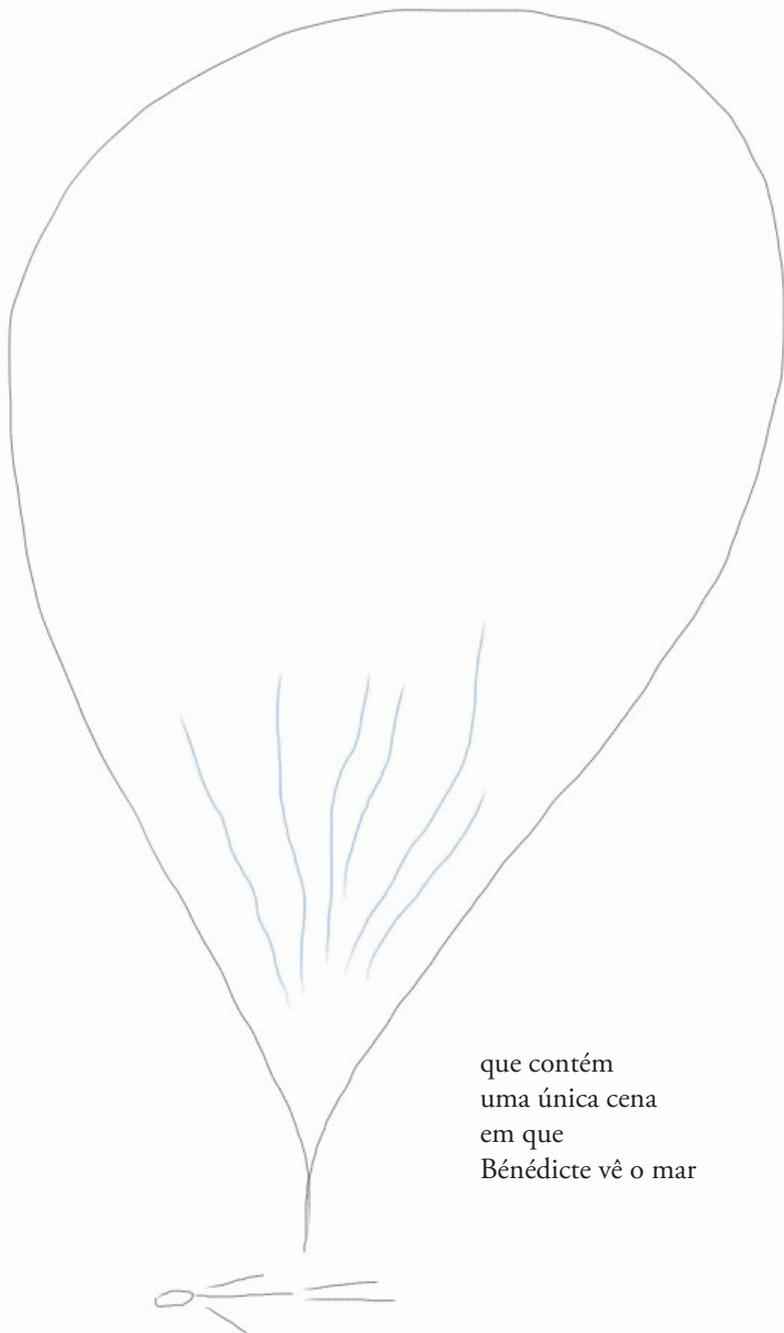
aconselhada por duas ou três amigas do bairro
a viúva do dono da marmoraria mandou limpar aquele nojo
instalou quatro minidicroicas
no novo forro
de gesso
do teto

não há mais
crueldade nem arroubo de musa
o futuro é um tédio
não há mais o verme sonolento o rato
cartas do além lidas em longos
banhos de banheira
não há mais Bénédicte
não há mais cadernos
nem desenhos de cadernos
nem desenhos de palito
nem fios
dentais
não há mais nem a remota possibilidade
de que um suspiro
um verdadeiro suspiro
de cansaço
se choque
contras as paredes
do porão
da nova loja
de
tecidos



de vez em quando alguém telefona
e oferece portas
com muitas saídas
novas vitaminas
um biscoito
da sorte
com um verso
"deixem-me vomitar sobre mim"

os anos passam
ela
decide
fazer alguma
coisa
um filme



que contém
uma única cena
em que
Bénédictine vê o mar

editora da casa

ZAZIE 
EDICÕES

www.zazie.com.br

